

OS MOVIMENTOS DO FIM: ressonâncias entre nome próprio e trauma em O fim de Eddy

MOVEMENTS OF ENDING: Resonances Between the Proper Name and Trauma in The End of Eddy

Isabella Rosa da Rosa¹
Luísa Matheus Avencourt²
Marta D'Agord³

RESUMO: Este artigo examina a relação entre o nome próprio e o trauma na obra *En finir avec Eddy Bellegueule*, de Édouard Louis (2014/2018). A proposta articula literatura e psicanálise a partir da perspectiva da “psicanálise implicada”, formulada por Shoshana Felman. Na narrativa, Louis produz uma escrita que desestabiliza destinos sociais e simbólicos inscritos no nome, expondo experiências de violência, injúria e exclusão. O estudo analisa, a partir das concepções de trauma e nome próprio, como a escrita literária pode operar como uma travessia subjetiva, reinscrevendo o sujeito na linguagem e reconfigurando os vínculos entre identidade, memória e nomeação. Para isso, mobiliza contribuições de Sigmund Freud, Jacques Lacan e comentadores contemporâneos, como Judith Butler, Christian Dunker e Paul B. Preciado. Discute-se ainda o impacto da literatura sobre a psicanálise e o reconhecimento das narrativas autoficcionais como espaços de autoria e elaboração do traumático.

Palavras-chave: Nome próprio; Trauma; Autoficção; Psicanálise;

ABSTRACT: This article examines the relationship between the proper name and trauma in *En finir avec Eddy Bellegueule*, by Édouard Louis (2014/2018). It brings literature and psychoanalysis into dialogue through the perspective of “implicated psychoanalysis,” proposed by Shoshana Felman. In the narrative, Louis develops a form of writing that destabilizes the social and symbolic destinies inscribed in a name, exposing experiences of violence, injury, and exclusion. Drawing on concepts of trauma and the proper name, the article explores how literary writing may function as a subjective passage, reinscribing the subject within language and reconfiguring the links between identity, memory, and naming. To do so, it engages the work of Sigmund Freud, Jacques Lacan, and contemporary commentators such as Judith Butler, Christian Dunker, and Paul B. Preciado. It also discusses literature’s impact on psychoanalysis and the recognition of autofictional narratives as spaces of authorship and the working-through of trauma.

Keywords: Name; Trauma; Autofiction; Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

Édouard Louis esteve no Brasil em 2024, participou da 22ª Flip (Festa Literária Internacional de Paraty) e do tradicional programa de entrevistas Roda Viva. Suas falas

¹ Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integrante do Laboratório de Psicanálise da UFRGS. E-mail: bellarosadarosa@gmail.com

² Mestranda em Psicanálise: Clínica e Cultura (PPGCLIC/UFRGS). E-mail: lmavencourt@gmail.com

³ Doutora em Psicologia do Desenvolvimento, Professora no Curso de Graduação em Psicologia (IPSSCH/UFRGS). E-mail: marta.dagord@ufrgs.br

foram marcadas por discussões sobre a literatura como ferramenta de denúncia social, trazendo uma reflexão aguda sobre pobreza, homofobia e resistência. Sua escrita autobiográfica mostra as formas como sistemas socioeconômicos oprimem corpos dissidentes e periféricos, em ressonância com desigualdades também presentes no Brasil.

A estreia de Louis como escritor foi em 2014, com a obra autobiográfica, *O fim de Eddy* (2018), um romance que além de abordar homossexualidade, violência, trauma, gênero e classe, problematiza a relação com o nome próprio. No livro, Louis constrói um relato cru e impactante (como virá a ser marca de seus escritos) sobre sua infância e adolescência como Eddy Bellegueule, um menino gay criado em uma vila operária no norte da França. Acompanha sua tentativa de se encaixar em um ambiente que o rejeita. Por seu corpo delicado e sua voz suave, Eddy enfrenta a hostilidade da comunidade. Entre a violência familiar e as humilhações escolares, Eddy tenta se adequar às normas de masculinidade, fracassando reiteradamente. Uma escrita direta e dilacerante que Louis transforma sua história pessoal em um manifesto sobre identidade, classe e resistência.

Este artigo pretende produzir um encontro entre o livro de estreia do autor *O fim de Eddy* com produções e leituras psicanalíticas a respeito do nome próprio e do traumático. Para isso, seguimos Shoshana Felman (1978-1979/2020), o texto ocupa a posição de ‘suposto saber’, instaurando uma relação transferencial com o leitor, oscilando entre os lugares de analista e de analisando. Utilizamos a diferenciação proposta por Felman (1978-1979/2020) entre o que nomeou como ‘psicanálise aplicada’ e ‘psicanálise implicada’. A psicanálise aplicada seria utilizar conceitos psicanalíticos para interpretar obras literárias e artísticas como expressões do inconsciente de seus criadores, reduzindo-as a diagnósticos clínicos. Essa abordagem parte de uma hierarquia em que a teoria psicanalítica decifra a obra de forma unilateral, muitas vezes caindo em circularidade interpretativa, quando a psicanálise pressuposta antes da introdução é a mesma que após a conclusão.

Em contraste com Freud, segundo a leitura de Shoshana Felman (1978-1979/2020), Lacan propõe uma “psicanálise implicada”. Ou seja, quando a literatura não ilustra passivamente a teoria, mas a questiona e reformula. Enquanto a psicanálise aplicada busca o que a teoria revela sobre a obra, a abordagem da “psicanálise implicada” pergunta o que a obra revela sobre a psicanálise, transformando a literatura em interlocutora ativa e estabelecendo um diálogo entre os dois campos. Este trabalho segue a “psicanálise implicada” pois acreditamos que é a mais produtiva para pesquisar a relação entre

testemunho, literatura e psicanálise. Assim, iniciaremos nosso percurso por uma breve nota sobre a relação entre a literatura e o nome próprio. Em seguida, a partir das bordas deste texto, teceremos comentários e compartilharemos as afetações que orientaram a escolha desses caminhos (nome e trauma) trilhados em nossa escrita. Isso nos conduzirá à análise da relação entre o livro e o nome próprio. A partir daí, abordaremos como a injúria se articula à identidade e ao nome, para, em um segundo tempo, refletirmos sobre o traumático, tanto na obra de Louis, quanto na teoria psicanalítica.

1. AS PERIGRAFIAS DO FIM

Antoine Compagnon (2007, p. 104) caracteriza os elementos perigráficos, enquanto uma “moldura que fecha um quadro com um título”. Esses contornos do texto podem conter rastros das intenções de uma escrita, de um tempo e de uma cultura. Compagnon (2007) também desenvolve o título como a porta de entrada de um livro. Ainda segundo Compagnon, o título funciona como nome do livro, muitas vezes possui um sentido, o que pode ser evidenciado na possibilidade de que podemos traduzi-lo para diferentes línguas. É por isso que é possível que analisemos, mediante as diferentes traduções, como Louis nomeia o seu primeiro livro, em francês: *En finir avec Eddy Bellegueule*. Em nossa percepção, a tradução brasileira acaba por suprimir algumas nuances desse título quando escolhe por “O fim de Eddy”. Essa tradução segue a proposta estadunidense, que utiliza *The End of Eddy* (Louis, 2014). Entretanto, a edição portuguesa, traduzida por António Guerreiro, opta pela tradução *Para acabar de vez com Eddy Bellegueule* de 2022.

Essa diferença não é apenas estilística. A nuance presente no título original sugere uma temporalidade marcada por um processo ainda em andamento, ou seja, não se trata de um fim que já está dado. Dessa forma, *Acabar de vez com* ou *En finir avec* carregam consigo a dimensão de um trabalho que é feito para dar fim a algo que insiste, no caso, um nome e toda a história que ele carrega: as palavras que o acompanham e o atravessam. A ideia de movimento está, portanto, contida na própria noção de finitude que o título evoca. Pode se dizer, então, que o próprio título do livro pode ser lido como um gesto de renúncia ao nome dado, à identidade imposta, ao lugar fixado no laço social. Parece tratar-se, portanto, de uma travessia subjetiva.

Antoine Compagnon (2007) também versa sobre a epígrafe de um livro. Segundo o autor, a epígrafe seria “a citação por excelência, a quintessência da citação, o gesto inaugural de um texto” (Compagnon, 2007, p. 120). O autor trabalha a epígrafe como uma entrada privilegiada no campo da enunciação. Dessa forma, podemos interpretar a epígrafe como um gesto feito pelo autor de presentear o leitor com alguma chave de leitura do texto.

Quanto à epígrafe que inaugura *O fim de Eddy* (Louis, 2018), “*Pour la première fois mon nom prononcé ne nomme pas*”, ela é extraída de *O arrebatamento de Lol V. Stein*, da escritora francesa Marguerite Duras (1964/2024). Esse trecho, mantido em francês inclusive na edição brasileira, pode ser traduzido como “Pela primeira vez meu nome pronunciado não nomeia” e introduz o leitor, desde esse limiar entre o dentro e o fora que é a epígrafe, a uma reflexão sobre a desestabilização do nome próprio. Essa mesma obra de Duras foi trabalhada por Jacques Lacan (1965) em *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*. Segundo o psicanalista:

... a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, sendo-lhe esta reconhecida como tal, é de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede e, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho (Lacan 1965, p. 200).

A epígrafe escolhida por Louis nos convida, portanto, a retomar a importância que Lacan atribui aos artistas, em continuidade ao que Sigmund Freud já havia anunciado. Artistas e psicanalistas, como nos apontou Freud (1908/2015), por vezes, percorrem caminhos semelhantes; embora os poetas, muitas vezes, os antecedam. Essa perspectiva nos convida a considerar a arte, aqui representada pela literatura, como um campo privilegiado para a escuta e para a formação psicanalítica. O artista, em sua criação, não apenas produz uma obra, mas opera sobre o simbólico, articulando o real e o imaginário, organizando e desorganizando sentidos, produzindo outras articulações e gramáticas possíveis. Conforme Shoshana Felman (1978-1979/2020), Freud amparava-se em diversos escritos literários durante a elaboração da teoria psicanalítica. A inspiração mais famosa é a da tragédia grega *Édipo Rei*, escrita por Sófocles. Freud se inspirou nessa tragédia para a estruturação do complexo de Édipo, conceito central na psicanálise freudiana. Dessa forma, conforme Felman (1978-1979/2020, p. 341), “a coisa literária está, assim, mais do que

implicada com a teoria analítica: é o próprio nome da teoria; ela dá nomes ao corpo conceitual da psicanálise”.

A epígrafe escolhida por Louis (2018) – “pela primeira vez meu nome pronunciado não nomeia” (tradução nossa) – já anuncia, portanto, que a obra abordará uma desestabilização de um destino inevitável do nome próprio. Essa ruptura se torna ainda mais evidente ao observarmos a estrutura do livro, dividido em duas partes: “Livro 1: Picardia” e “Livro 2: O fracasso e a fuga”. A “fuga” pode ser lida em duplo sentido: tanto como uma referência ao contexto geográfico do autor (a região da Picardia, marcando sua origem e pertencimento), quanto como uma metáfora de sua relação com o nome Eddy, seu fracasso em encarná-lo e a sua tentativa de escapar ao que esse nome lhe impõe. Assim, a própria organização do livro reforça a tensão entre identidade fixa e movimento de fuga, tema que viria a perpassar os demais livros de Louis. O livro de estreia de Louis no campo da literatura proporciona seguras pistas de que é marcado pelo processo de amadurecimento. Ao fazer uso das memórias infantis de Édouard, o narrador delimita um antes e um depois em sua vida: o começo de Édouard acontece com o fim de Eddy.

2. OS MOVIMENTOS DO FIM

As questões que o nome próprio proporciona para a cultura podem ser, para psicanalistas, importantes meios de afetação, de estudo e de formação. Sigmund Freud inicia o livro *Psicopatologia da vida cotidiana* (1904/2023) com um capítulo que sugere que os lapsos e os esquecimentos dos nomes próprios são substituições intencionais advindas da lógica inconsciente. Esses esquecimentos tratam de conflitos na associação com outros nomes próprios na memória de quem esquece. Para o autor, o esquecimento de nomes remete a conteúdos recalçados. No capítulo, ele analisa o seu próprio esquecimento do nome do artista Signorelli (quando tenta recuperar o nome do pintor dos afrescos da catedral de Orvieto): o psicanalista percebe que Signorelli se remete associativamente ao nome de seu paciente que havia posto fim a própria vida por uma incurável perturbação na vida sexual. No texto, o autor afirma que o esquecimento do nome acontece com muita frequência e que, em quase todas as vezes que conseguiu observar o fenômeno em si mesmo, a explicação do esquecimento se daria pela ação do recalçamento.

Em uma leitura dessa passagem, Clarice Paulon (2014) argumenta que Freud deixa de fazer observações acerca da proximidade entre o esquecido (Sig)norelli e seu nome (Sig)mund, o que, segundo a autora, denuncia a marca da constituição do sujeito pela letra. Essa marca do nome próprio, intraduzível, seria índice da existência do sujeito do inconsciente. De forma similar, em uma análise da letra, (Ed)dy e (Éd)ouard possuem semelhanças. A partir disso, evidenciamos que desde os primórdios da psicanálise já existia uma problematização acerca da temática do nome próprio. É através do texto de Louis que pretendemos esboçar algumas respostas à questão: o que de tão especial tem o nome próprio?

3. EDDY BELLEGUEULE PARA ÉDOUARD LOUIS

O filósofo trans espanhol Paul B. Preciado (2019) não apenas relata sua experiência como viajante entre a feminilidade e a masculinidade, denunciando o modo como essas transições ainda são tratadas como heresias, como também oferece reflexões relevantes para as questões que buscamos desenvolver aqui.

Preciado conta que por algum tempo desejou que seu nome feminino fosse utilizado no masculino. Isto é, “o Beatriz” ou “Beatriz é foucaultiano”. Entretanto, ele situa que “aquela torção gramatical era ainda mais difícil que a fluidez de gênero” (Preciado, 2019, s.p.). Ao afirmar que essa torção gramatical representava um desafio maior do que a própria fluidez de gênero, Preciado indica que a inscrição simbólica do sujeito na linguagem transcende as transformações físicas.

Quem se atreve a abandonar seu nome para adotar um nome sem história, sem memória, sem vida? Apreendi duas coisas, aparentemente contraditórias, com o fracasso do enxerto do nome Marcos: eu teria de lutar por meu nome e, ao mesmo tempo, meu nome teria de ser uma oferenda, teria de ser presenteado a mim como um talismã (Preciado, 2019, s.p.).

A este respeito, Dunker (2015), em um seminário realizado em parceria entre a Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano e o Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (LATESFIP) da Universidade de São Paulo (USP), na aula do dia 19 de março de 2015, desenvolve ideias que nos permitem concluir que os nomes próprios carregam consigo particularidades e singularidades que nos forcem a questionar as bases da fala e da língua.

Durante a aula, Dunker (2015) retoma os atos performativos (John Austin): enunciados que não descrevem, mas produzem efeitos, como “eu te batizo”. Esses enunciados não apenas comunicam uma intenção, mas efetivamente instituem algo novo. Seja um vínculo, uma mudança de estado ou uma responsabilidade, a aula trabalha sobretudo o caráter contraditório da nomeação, sendo uma das “anomalias da linguagem” estudada por diversos filósofos que interessaram e influenciaram Jacques Lacan.

Para Dunker (2015) “o nome é a memória de um ato”, isto é, o que fica de um ato de fala. O nome próprio não é só próprio a alguém, mas também é propriamente um nome. Entre todos os nomes, ele é o que nos mostra a função mais própria. Isto é, possui um elemento que é próprio, que faz diferença, indicando uma autenticidade e, também, uma autoidentidade. Dunker (2015) questiona “quando o nome não faz memória de um ato?” e indica que existem algumas indicações que poderiam gerar prejuízos psíquicos para o nomeado. Essa relação ganha espaço em questionamentos filosóficos acerca dessas bases. Na cultura moderna ocidental, tem-se registro filosófico desde o diálogo platônico *Crátilo*, onde se disserta acerca da verdade das palavras (ou correção dos nomes). Nesse diálogo, duas teorias antagônicas, de Hermógenes e de Crátilo, tratam da relação nome/coisa e o seu modo de atribuição (convencional ou natural, respectivamente). O que as diferenciam, segundo as traduções propostas por Souza (2010) são as suas bases: uma está centrada no conceito de *phýsis*, natureza; a outra, no conceito de *nómos*, costume. No diálogo, Hermógenes pergunta a Sócrates diversas etimologias, visando testar a hipótese de Crátilo. Dentre elas, Hermógenes pergunta a etimologia da palavra nome. Sócrates afirma que o nome é forjado a partir de uma sentença. Como por exemplo o nome de Zeus, separando o nome em duas partículas gregas, podem significar “aquele através do qual todos os que vivem obtêm a vida”. Assim, o nome Zeus é forjado a partir de “aquele através do qual todos os que vivem obtêm a vida”, eis uma sentença.

Por sua vez, ainda de acordo com Souza (2010), durante o diálogo com Sócrates, Crátilo afirma que o nome atribuído a Hermógenes, um dos seus interlocutores, não é verdadeiramente “Hermógenes”, pois seu nome sugeriria uma descendência divina do deus Hermes. Para Crátilo – que defendia a mudança inevitável das coisas e assim depositava sua confiança nos nomes – seria um contrassenso acreditar que Hermógenes, que, ao contrário de seu irmão, não herdou riquezas do pai, pudesse ter tal ascendência, considerando a associação do deus Hermes com o ganho e a riqueza. Crátilo então conclui que não haveria,

assim, vínculo entre seu interlocutor, Hermógenes, e o nome Hermógenes. Ora, na forma como Louis analisa a relação entre o nome próprio “Eddy” e ele mesmo, o jovem Eddy, encontraríamos essa problemática que Crátilo identifica no nome de seu interlocutor Hermógenes.

Ele [o meu pai] havia decidido que eu me chamaria Eddy por causa das séries americanas que ele via na televisão (sempre a televisão). Com o sobrenome que ele me transmitia, Bellegueule, e todo o passado que esse sobrenome carregava, eu teria o nome de Eddy Bellegueule. Um nome de durão (Louis, 2018, p. 22).

Esse trecho nos permite supor que a sentença que acompanha o nome Eddy é “um nome de durão”. Isso ganha uma relevância grande na narrativa de Louis. Seu nome é ofertado por um pai que sonha com um filho “durão”, masculino, heterossexual. Nomear o filho de “Eddy”, inspirado em séries americanas de “machos”, já é uma tentativa de fabricar um futuro. No entanto, à sua maneira, Édouard rejeita esse destino simbólico. O corpo escapa, os gestos se desviam, a voz falha. O aspecto particular da relação da injúria com o nome próprio fica evidente quando se lê, a respeito de uma colega de classe, a reflexão posterior de Louis: “Minha memória não guarda nenhum vestígio de seu nome. Poderia ser tanto Armelle quanto Virginie. Eu recordo somente os apelidos que colocavam nela: a Louca, a Esquisita” (Louis, 2018, p. 74). Aqui, os adjetivos estão à frente do nome próprio de sua colega.

É você o veado? Quando a pronunciaram eles a inscreveram em mim para sempre, como um estigma, aquelas marcas que os gregos infligiam a ferro em brasa ou a faca no corpo dos indivíduos desviantes, perigosos para a comunidade. E percebi a impossibilidade de me desfazer desse estigma (Louis, 2018, p. 12).

Sobre isso, em entrevista, a psicanalista brasileira Isildinha Baptista Nogueira (2022) conta que o seu sobrenome não diz quem ela é, uma vez que são nomes católicos transmitidos por um senhor de engenho. Entretanto, nosso nome nunca diz inteiramente quem somos nós, apenas nos marca no mundo enquanto próprios de um grupo, de uma linhagem. Em *A cor do inconsciente* (Nogueira, 2021), a psicanalista trabalha brevemente a questão do nome próprio do negro brasileiro. Nogueira propõe pensar que a denominação

ofensiva direcionada ao negro, como por exemplo a palavra “macaco”, o destitui do seu lugar de humano, uma vez que a injúria ocuparia o lugar de seu nome próprio.

As palavras afeitado, afeminado ressoavam permanentemente ao meu redor na boca dos adultos: não só no colégio, não só vindas dos dois garotos. Elas eram como lâminas de gilete; quando eu as escutava, me cortavam por horas, dias, eu as retomava, eu as repetia para mim mesmo. Eu repetia para mim mesmo que eles tinham razão (Louis, 2018, p. 70).

Em contraste com a injúria, Ana Costa (2001) situa que no nome encontramos uma referência de marca que permite a contagem, e que Lacan chama isso de traço unário: “esse traço pode suportar identidade e diferença. Identidade porque é um representante que indica um lugar próprio. E diferença porque é o que permite situar o sujeito como um entre outros”. No livro, a autora articula o nome como uma impressão do traço representante do enigma do desejo do Outro. Assim, a violência da injúria, seja ela “veado”, “esquisita”, ou “macaco”, reside justamente em sua capacidade de apagar o nome próprio e substituí-lo por um estigma, uma palavra com um significado. Além disso, nesses casos significados que são depreciativos. Como nos mostra Louis (2018), o xingamento não apenas descreve, mas constitui o sujeito à força, marcando-o como desviante.

4. TRAUMA: silêncio e verborragia

No corredor apareceram dois garotos, o primeiro deles grande de cabelos ruivos, e o outro, pequeno com os ombros caídos. O grande e ruivo escarrou Toma essa na tua cara. O escarro desceu lentamente pelo meu rosto, amarelo e espesso, como esses catarros ruidosos que obstruem a garganta dos idosos ou doentes, de cheiro forte e nauseabundos. As risadas agudas, estridentes dos dois garotos Olha lá pegou a cara toda do filho da puta. O catarro escorre do meu olho até os meus lábios, quase entrando na minha boca. Não ousou limpar (Louis, 2018, p. 10).

Bicha, bichinha, veado, arrombado, boneca, mocinha, mulherzinha, boiola (baitola), putinha, invertido, queima-rosca, bambi, soca-bosta, maricas, tia. Essas eram algumas injúrias direcionadas à ele na época da escola. Na cena, o narrador se interroga: será que todos ouviam os insultos? Mais do que isso, acreditava que todos pensavam, e talvez gostariam de dizer, o que apenas alguns colocavam em palavras. Havia, então, algo de compartilhado, ainda que silencioso, naquela nomeação: “Olha lá, é o Bellegueule, aquela bicha”. Como essa cena do escarro retorna muitas vezes na obra de Louis, por vezes ganha

novos destaques, palavras, recortes e associações. Na medida em que o texto avança, o personagem assume novas posições subjetivas para além da paralisação frente à violência que acometia seu corpo. Judith Butler (2021) contribui para nossa reflexão quando considera que ser chamado de algo pode ser considerado uma das primeiras formas de injúria linguística. Contudo, a filósofa destaca que nem todos os nomes pelos quais somos chamados podem ser considerados injuriantes, uma vez que essa nomeação também é uma das condições pelas quais um sujeito se constitui na linguagem. Desse modo, a nomeação é ambígua: pode ferir, mas também constitui o sujeito.

A psicanalista Laurie Laufer (2025), retomará o texto de Butler (2021) para afirmar que as palavras têm duplo poder: de ferir, da injúria, e de ser a condição de uma criação, de uma potência de ser. Para Laufer, a injúria é traumática pelo efeito de interpelação. Assim como em *O fim de Eddy* (Louis, 2018) é o outro quem o nomeia “bicha”, proferindo-lhe injúrias, em *Mudar: Método* (Louis, 2024), a dimensão da alteridade também se faz presente, já que é novamente um outro quem lhe dá o nome Édouard. Nesse caso, é a mãe de sua amiga Elena, colega de origem familiar abastada, quem, ao recebê-lo em sua casa, diz:

Oi, Édouard. Fiquei imóvel. Era a primeira vez, eu não entendia por que ela me chamava por um nome que não era o meu. Ela notou a surpresa no meu rosto. Você se incomoda se eu chamá-lo de Édouard? Eddy, no fundo, é um diminutivo de Édouard, Eddy não é um nome de verdade, e eu prefiro Édouard, acho bem mais elegante. Você se incomoda? (Louis, 2024, p. 69)

No decorrer da cena, o narrador relembra que recebeu o nome Eddy de seu pai, que o havia escolhido por causa dos filmes americanos: “era um nome de durão”. Ao responder para a mãe de Elena que não se incomodava, ele percebe que ela o batizou com um nome que carrega até hoje em sua carteira de identidade. Daniel Kveller trabalha o conceito de trauma desde a psicanálise e aborda tais temáticas em articulação com o livro *O fim de Eddy* (2018) na sua tese de doutorado intitulada *Dissidências sexuais, temporalidades QUEER: Uma crítica ao imperativo do progresso e do orgulho*. Em suas palavras:

Ao desafiar qualquer possibilidade de narração, ao mesmo tempo em que convoca incessantemente o sujeito a pô-la em palavras, a intraduzibilidade da experiência traumática tensiona os limites da linguagem, produzindo impulsos contraditórios ao silêncio e à verborragia (Kveller, 2021, p. 83).

Em ressonância com a intraduzibilidade do nome próprio, quando Kveller fala sobre a intraduzibilidade do evento traumático, isso nos remonta a uma entrevista concedida ao programa *Roda Viva* (2024) em que Louis formula a ideia de que a violência é capaz tanto de destruir a palavra, quanto de produzi-la. Na ocasião, o escritor afirmou haver uma ligação direta entre elas. Assim, a violência impele as pessoas a falarem, permite que elas relatem, a enxerguem e, com isso, possam combatê-la. Portanto, quando a violência produz palavra, nos faz falar, ela se vê ameaçada, em perigo, e, é somente assim, que podemos enfrentá-la. O fato da experiência traumática tensionar os limites da linguagem, jogando com o silêncio e a verborragia, como nos apontou Kveller, parece guardar uma relação importante com isso que Louis nos traz acerca da ligação direta entre a violência e a palavra (Roda Viva, 2024), assim como uma possível aproximação com o duplo poder da palavra (Butler, 2021). Dessa forma, tais elaborações apontam para a ideia de que a escrita pode funcionar como uma forma possível de elaboração dessas vivências, considerando que elas portam seu caráter de intraduzibilidade.

Em *O fim de Eddy* parece haver um movimento nesse sentido: por vezes, a violência destrói a palavra, como na primeira aparição da cena do esgarço, em que o personagem não consegue falar nem reagir. Contudo, à medida que o texto avança e, sobretudo, com a própria escrita de Louis, as palavras vão sendo produzidas e escritas. A autobiografia política, estilo literário assumido pelo autor, parece operar como uma forma de enfrentamento da violência que o atravessou, uma tentativa de desestabilizar seus mecanismos e resistir às forças que a sustentam.

No podcast *Rádio Companhia* (Companhia das Letras, 2025), o episódio *Literatura, psicanálise e trauma*, apresenta uma conversa potente sobre trauma e linguagem com Christian Dunker e Jarid Arraes. No programa, Dunker afirma que o trauma deixa o resíduo de uma ausência de sentido. Segundo ele, na psicanálise, há diversas acepções do que é o trauma, destacando três delas. Segundo o psicanalista, genericamente, o trauma é uma experiência constitutiva para todos os seres falantes. Nessa via, a traumaticidade viria do fato de que sabemos que somos finitos, junto da descoberta da sexualidade. Portanto, o trauma seria a intrusão de uma falta de sentido. A segunda acepção sobre o trauma, para Dunker, é estrutural, ou seja, diz respeito ao modo como aquele sujeito específico se encontrou com a dimensão do indizível. Assim, o traumático é não só o impacto temporal

da tramitação simbólica do sujeito no mundo, como também as coisas que excedem a capacidade de dizer e de situar o sentido.

Por fim, Dunker fala sobre as neuroses traumáticas, terceira acepção, e as define como eventos intrusivos que caracteristicamente acontecem sem que o aparelho psíquico esteja preparado. O psicanalista disse que essas se aproximam daquilo que chamamos de violência social. Segundo ele, há efeitos positivos e negativos disso. Os negativos seriam caracterizados pela transmissão do silêncio, do bloqueio e do fracasso, não da tentativa de dizer algo sobre as violências sofridas. Para Dunker, tais transmissões do negativo do traumático podem ser nocivas porque, quando “vêm à tona”, se transformam em violência inaudita (Companhia das Letras, 2025). Assim, a repetição do fracasso, o traumático, seria, para Lacan, aquilo que não cessa de não se escrever.

O psicanalista Jacques Lacan (1964/1998), em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, destaca, em tom de interrogação, a notoriedade do fato de que, na origem da experiência analítica, o Real se apresentou sob a forma daquilo que nele há de inassimilável: o trauma. No seminário *Mais, ainda*, Lacan (1972-73/1985) elabora formulações sobre o Real como o impossível e postula: “o Real não cessa de não se escrever”. O Real é o impossível de simbolizar. Em *Les non-dupes errent*, Lacan (1973-74) nos diz que inventamos um truque para preencher o seu buraco: lá onde não há relação sexual, isso produz um buraco que traumatiza (*troumatisme*).

Christian Dunker destaca que tal neologismo é um conceito enriquecido pela deformação de sua escrita e diz respeito a uma junção entre as palavras francesas trauma, *troumatisme*, e buraco, *trou*, junto da verdade, *truth*, no inglês (Dunker, 2025, p. 99). Assim, se, em 1964, Lacan considerava, desde Freud, o trauma como o inassimilável, em 1972, com o neologismo que propõe (*troumatisme*), ele opera uma diferenciação. O Real deixa, então, de ser o inassimilável para ser concebido como o impossível. Assim, é preciso tomar o traumático e o *troumatisme* como pertencentes a campos epistemológicos distintos. Ainda sobre o Real, Marta D’Agord (2023), aborda os três registros propostos por Lacan. Nas considerações finais, D’Agord (2023, p. 154) apresenta uma nova tradução de um parágrafo de Lacan no seminário sobre a “Carta roubada”, publicado nos Escritos: “a subjetividade, na origem, não tem relação com o Real, mas com uma sintaxe que a marca significante engendra”. Nessa escolha, segundo D’Agord, há uma recuperação da literalidade em duplo sentido, do texto em francês e da marca significante.

O Real não é o protista nem a célula, mas o que se escreve, e se escreve seguindo regras, tanto da gramática quanto da formalização lógica. O efeito dessa escrita, isto é, da relação de um significante com outro significante, dirá o que está em questão, o assunto ou o sujeito (na dupla acepção do termo sujet) (D'Agord, 2023, p. 154).

A leitura de D'Agord, ao recuperar a literalidade do texto de Lacan enfatiza que, na origem, a subjetividade não se relaciona diretamente com o Real, mas com a sintaxe engendrada pela marca significante. Conforme Lacan, “o real não cessa de não se escrever”; contudo tal escrita não é feita sem critério, como destaca D'Agord, pois do jogo simbólico da relação entre significantes, emergem regras gramaticais e lógicas de legibilidade. É desde essa perspectiva do Real como o impossível, que Lacan fala que inventamos um truque para preencher o buraco do real, o buraco que traumatiza, *troumatisme*, pois as bordas da escrita e leitura nos indicam um algo a mais, algo que ainda não sabemos.

E em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/1998) aborda o traumatismo. Esse estaria relacionado à função da *tiquê*, ou seja, do real como um encontro essencialmente faltoso, que escapa, que vige por trás do *automatôn*. A repetição ao modo de *tique* difere da insistência (automatismo) dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. No mesmo Seminário, o psicanalista francês propõe que no que se refere ao traumatismo, é no campo do significante que se deve escutar, pois a questão é a qual significante o sujeito estaria assujeitado. Esse seria, então, o sentido do traumatismo.⁴ Portanto, para Lacan, o sujeito poderia estar assujeitado a um significante irreduzível e traumático, posto que sem sentido. Retomando a leitura de *O fim de Eddy* (Louis, 2018), é possível refletir sobre essa dimensão do traumático. Louis tenta dar outros sentidos às palavras que o nomeiam injuriosamente. Seria a narrativa da cena do esgarro uma tentativa de elaboração de outros sentidos? Se, como nos apontou Dunker, uma acepção possível do traumático carrega consigo a dimensão do indizível, talvez, quando é possível falar ou escrever sobre tal vivência, quando ela entra no jogo significante e deixa de se repetir ao modo *tiquê*, talvez não devamos mais considerá-la traumática, mas *troumatique*.

⁴ *L'interprétation donc, il est bien clair qu'elle n'est pas ouverte à tous les sens, qu'elle n'est point n'importe laquelle, qu'elle est une interprétation significative et qui ne doit pas être manquée. Ce qui n'empêche pas que ce n'est pas cette signification qui est pour le sujet, pour l'avènement du sujet, essentielle, mais qu'il voit, au-delà de cette signification, à quel signifiant - non sens irréductible, traumatique, c'est là le sens du traumatisme - il est, comme sujet, assujetti. (Lacan, Le Séminaire, Livre 11, 1964, Versão STAFERLA: 138).*

FINS E COMEÇOS

Esse trabalho investigou os enlaces entre psicanálise e literatura sob a perspectiva da “psicanálise implicada”, proposta por Shoshana Felman. A partir dessa perspectiva, analisamos a relação entre o nome próprio e o trauma na obra *En finir avec Eddy Bellegueule*, de Édouard Louis (2014). Nossos resultados nos levaram a problematizar a relação entre nome próprio, eventos potencialmente traumáticos e a dimensão da injúria nos episódios violentos. A injúria, que circula nas cenas descritas no livro, também foi analisada em diálogo com autores contemporâneos. Nesse sentido, dadas as propriedades da língua, a injúria pôde ser trabalhada enquanto uma tentativa, fadada ao fracasso, de tudo dizer de alguém.

Um exemplo disso é a reapropriação do termo *queer*, originalmente uma injúria homofóbica, como conceito político e teórico. Esse movimento de ressignificação também ocorre no livro de Louis, em que a injúria não é apenas um trauma a ser superado, mas um termo que por si só não diz nada. Assim como o movimento queer transformou um insulto em resistência e desidentificação (Muñoz 1999), Louis (2018), em *O fim de Eddy*, subverte os termos que o marcaram ("viado", "fraco", "bicha"), convertendo-os em matéria literária e política. Se, para a teoria *queer*, a linguagem é um campo de disputa onde identidades são desfeitas e refeitas, a escrita de Louis opera de modo análogo: ao recontar sua história, ele não nega a violência das palavras, mas subverte a leitura dessas, mostrando que o nome próprio, a injúria e o trauma não são sentenças definitivas, mas possibilidades abertas de reinvenção. Se o nome não nomeia, é porque ele pode vir a nomear. É desse modo que podemos afirmar que a injúria, o trauma e o nome próprio podem ser sempre recontados de uma outra forma. Dessa maneira, se Sócrates, segundo Souza (2011), disse que o nome é o que é forjado a partir de uma sentença, podemos tomar o significado de ‘sentença’ pelo seu aspecto jurídico e não pelo aspecto gramatical. Podemos entender que um nome é o que é feito a partir de uma determinação. Nessa frase, poderíamos situar a sentença também enquanto um nome, uma injúria ou um trauma. O que Louis (2018) fez em *O fim de Eddy* foi forjar algo diferente a partir dessas sentenças para além da paralisação frente à violência.

Eu apresentei meu número, petrificado só de pensar que eles poderiam gritar bicha em algum momento de silêncio, entre uma e outra fala minha, na frente da minha mãe e dos outros. Fui até o fim. Quando terminei, os dois se levantaram, gritando feito loucos, a plenos pulmões, Bravo, Eddy, bravo! (Louis, 2018, p. 172).

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Tradução de Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

COMPANHIA DAS LETRAS. *Rádio Companhia: literatura, psicanálise e trauma*. YouTube, 23 jul. 2025. 1 vídeo (1h02min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dwUHRkmIaDs>. Acesso em: 17 ago. 2025.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

D'AGORD, Marta. Contingente ou determinado? In: NUNES, Luciana Nunes de; SILVA, Sander Machado da (org.). *Desambiguar Lacan de Freud*. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2023. p. 137–156.

DURAS, Marguerite. *O arrebatamento de Lol V. Stein*. Tradução de Adriana Lisboa. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2023.

DUNKER, Christian. *Seminário sobre a obra de Jacques Lacan*. 2023. 1 vídeo (1h33min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xulSd_ceA7U. Acesso em: 14 ago. 2025.

DUNKER, Christian. *O estilo de Lacan*. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

DUNKER, Christian. Seminário sobre a obra de Lacan: o Nome Próprio do Objeto a. Aula do ciclo de seminários realizado pelo Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP em conjunto com a Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 19 mar. 2015. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xulSd_ceA7U. Acesso em: 2 jul. 2026.

FELMAN, Shoshana. A coisa literária, sua loucura, seu poder: entrevista a Philippe Sollers para a revista Tel Quel. In: BRANCO, Lúcia Castello (org.). *Shoshana Felman e a coisa literária: escrita, loucura, psicanálise*. Belo Horizonte: Letramento, 2020. p. 327–355. Trabalho original publicado em 1978/1979.

FREUD, Sigmund. *Psicopatologia da vida cotidiana*. Tradução de Elizabeth Brose. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. Trabalho original publicado em 1904.

FREUD, Sigmund. Dostoiévski e o parricídio. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 187–203.

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar. In: FREUD, Sigmund. *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 53–68. Trabalho original publicado em 1908.

KVELLER, Daniel. *Dissidências sexuais, temporalidades queer: uma crítica ao imperativo do progresso e do orgulho*. 2021. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre XX: Encore*. 1972–1973. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S20/S20.htm>. Acesso em: 19 ago. 2025.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre XXI: Les non-dupes errent*. 1973–1974. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S21/S21.htm>. Acesso em: 19 ago. 2025.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Trabalho original publicado em 1964.

LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 198–205.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. Trabalho original publicado em 1972–1973.

LAUFER, Laurie. *Rumo a uma psicanálise emancipada: reatar com a subversão*. Porto Alegre: Criação Humana, 2025.

LOUIS, Édouard. *En finir avec Eddy Bellegueule*. Paris: Éditions du Seuil, 2014.

LOUIS, Édouard. *The end of Eddy*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2014.

LOUIS, Édouard. *O fim de Eddy*. Tradução de Francesca Angiolillo. São Paulo: Todavia, 2018.

LOUIS, Édouard. *Para acabar de vez com Eddy Bellegueule*. Tradução de António Guerreiro. Portugal: Elsinor, 2022.

LOUIS, Édouard. *Mudar: método*. Tradução de Marília Scalzo. São Paulo: Todavia, 2024.

MUÑOZ, José Esteban. *Disidentifications: queers of color and the performance of politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Episódio #9: Isildinha Baptista Nogueira. Entrevista concedida ao canal Psicanalistas Que Falam. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bCJgctIJeta>. Acesso em: 25 jun. 2026.

PAULON, Clarissa Pinheiro. O eu e o sujeito dividido no caso Signorelli. *Revista DisSoL*, Pouso Alegre, v. 1, n. 1, p. 1–9, 2014.

PRECIADO, Paul B. Ser “trans” é cruzar uma fronteira política. *El País Brasil*, 10 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/09/cultura/1554804743_132497.html. Acesso em: 14 ago. 2025.

RODA VIVA. Roda Viva | Édouard Louis | 21/10/2024. Apresentado por Vera Magalhães. TV Cultura, 21 out. 2024. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/wn7RxTuQc4U>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SOUZA, Luciano Ferreira de. *Platão: Crátilo*. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.